

A vida que se ganha limpando cemitérios

n EVELINA MUCHANGA

CORAGEM e determinação caracterizam o estado de espírito de mulheres que, diariamente, varrem, capinam e limpam cemitérios para garantir o sustento das suas famílias.

U. MATOLA



A determinação de mulheres que ganham a vida limpando cemitérios

Inicar a actividade não foi fácil para muitas, mas com o tempo e entrega foram-se habituando e hoje, como dizem, sentem-se tranquilas como se estivessem nas suas próprias casas.

Terça-feira (19 de Abril) tivemos a oportunidade de interagir com estas mulheres enquanto realizavam as suas actividades no Cemitério de Lhanguene, local onde foram afectadas pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo.

Ficámos a saber que a maior

parte delas são mães solteiras e outras viúvas. O medo que tiveram no início não as fez abandonar o trabalho, pelo contrário encheram-se de coragem e vêem aquela actividade como qualquer outra de limpeza, sendo a única diferença o local onde cada um estiver inserido.

Conversámos primeiro com Isabel Mucavel, 56 anos, uma das

veteranas com 31 anos de serviço. Orgulhosa do trabalho que faz, esta mulher conta que em nenhum momento pensou em abandonar a actividade e diz porquê: "Sinto que contribuo em algo para a sociedade porque se eu não capino, não varro e nem limpo o cemitério quem vai fazê-lo? O país precisa de nós. Dissemos sim ao trabalho e é isso que temos feito".

Isabel vive no bairro Ndlavela, município da Matola, província de Maputo. Educa e alimenta os filhos com este trabalho. Sai de casa às 4.30 horas, apanha transporte público e até às seis horas chega ao seu local de trabalho. "No início foi difícil trabalhar porque ficava comovida ao ver familiares a chorar e a enterrar os seus ente queridos. Tive de

aprender a saber conviver com esses momentos e não me deixar afectar muito ao ponto de não conseguir realizar as minhas actividades", destacou.

Encorajou as outras mulheres a se entregarem ao trabalho porque, no seu entender, só assim é que elas se podem sustentar e contribuir de forma efectiva para o desenvolvimento do país.

Já perdemos o medo

DURANTE os anos que estas mulheres trabalham no cemitério de mais de 52 hectares acompanharam as transformações que foram ocorrendo ao longo do tempo. Rosinha de Banda Gomes, 56 anos, 24 dos quais ao serviço do cemitério, destacou tempos em que aumentava o número de funerais por dia, a degradação de valores morais no seio dos jovens que roubam vasos e peças nas campas e o encerramento do cemitério. Outro momento descrito por Maria Mahumane, 48

anos, e 18 de trabalho foi quando as pessoas nos bairros falavam da existência de maus espíritos no cemitério que se apegavam a quem fosse tocar uma campa. "É tudo invenção, pelo menos aqui no Cemitério de Lhangue não testemunhámos nenhum caso, convivemos com as campas, tocamos-las em algum momento quando as limpamos e nada disso acontece", sublinhou Maria.

Revelaram que um dos momentos que as deixa desconfortáveis é quando têm de

trabalhar nos locais onde são exumados os restos mortais. "Apanhamos lençóis, roupas e outros objectos. Ficamos com o receio de sermos contaminadas por alguma doença devido ao contacto, porque mesmo tendo luvas e botas, em algum momento, tocamos directamente nas peças. Quando uma de nós adoece, às vezes, associamos a doença a esse facto", disseram.

Apesar deste constrangimento, Rosinha conta que o trabalho tem-lhe ajudado mui-

to, pois consegue sustentar os seis filhos para além de que gosta da actividade e da companhia das colegas.

"Sentimo-nos como se estivéssemos na nossa casa. Não tenho medo. Até trazemos lanche e almoçamos aqui", disse Carlota Nhabete, 49 anos e 18 anos de serviço. Como fruto do seu trabalho e dedicação, Carlota conta que dois dos seus filhos estão a estudar na Universidade Eduardo Mondlane e outros no Ensino Secundário.

O dever de mãe encheu-nos de coragem



Uma mãe corajosa tirando lixo no Cemitério de Lhangue

QUANDO a fome começou a se fazer sentir na família de Celeste Matine, 59 anos, esta mulher não pensou duas vezes, aceitou a proposta de trabalhar no cemitério em substituição do falecido marido, no ano de 2000. Até hoje está lá, firme e motivada para continuar.

"O salário não é suficiente, contudo ajuda a melhorar a minha vida. Não tenho filhos biológicos, mas vivo com os meus sobrinhos

que dependem de mim", referiu.

O mesmo desejo de aliviar o sofrimento motivou Mariamo Alexandre, 58 anos, a procurar trabalho e teve oportunidade para varrer no cemitério e não a desperdiçou.

"No início estava no grupo que capinava, mas actualmente apenas varro as ruas e entre as campas. Estou feliz porque consigo pão para alimentar os meus filhos", sublinhou.

Com 17 anos de serviço no cemitério, Olga Mbiza, 50 anos, é outra mulher que dedica parte do seu tempo para cuidar do cemitério e com isso ganhar o pão. Está triste porque ainda não tem casa própria, mas feliz porque deu um rumo aos filhos que hoje trabalham, tem casa própria e ajudam-na sempre que podem.

Quem está mais eufórica com o trabalho é Paulina Macuacua, mãe de quatro filhos. Contratada

há quatro anos, hoje é chefe das 30 mulheres contratadas pelo município de Maputo para realizar trabalhos de limpeza nos cemitérios de Lhangue e Michafutene.

"O difícil foi trabalhar na vala comum. No primeiro dia cai do-

ente. Passado um mês comecei a habituar-me e hoje trabalho lá sem problemas. Valeu-me a coragem e determinação porque hoje sou chefe das contratadas", anima-se Paulina, mãe de três filhos.



Trabalhando juntas venceram o medo

Mais nova mas com tarefa acrescida

AMÉLIA Pedro, 25 anos, é a mais nova entre as mulheres colocadas pelo Conselho Municipal da Cidade de Maputo no trabalho de limpeza do Cemitério de Lhanguene.

A jovem mulher tem de saber dividir o tempo pelo trabalho, escola, cuidar de dois filhos menores e do marido que ficou cego após um acidente de trabalho. Amélia vive no bairro de Inhagóia. Acorda às cinco horas da manhã ou um pouco mais cedo, limpa a casa, prepara-se e até às seis horas põe-se a andar para o serviço. "Iniciamos os trabalhos às 7.00 horas e despegamos por volta das 13.00 horas. Em casa, cozinho e revejo a matéria. Às 17.00 horas vou à escola. Frequento a 9.ª classe. Sonho em ser médica. Sei que estou atrasada, mas luto para consegui-lo", referiu.

Para Amélia, o trabalho tem sido uma fonte de renda mas, acima de tudo, uma escola, pois aprende o sentido da vida das companheiras que há anos realizam esta actividade. "Já ouvi de tudo dos meus vizinhos, colegas de escola que procuram a todo o custo desencorajar-me. No início cheguei a ficar com medo de varrer entre as campas. Tinha a sensação de que alguém me seguia ou que me



ia puxar pelas costas. Era tudo ilusão", conta, alegando que com o apoio das mais experientes ganhou coragem e forças para continuar a fazer o seu trabalho.

De coveiro à administração

DAS conversas que fomos tendo com os funcionários do Cemitério de Lhanguene, ficámos a saber da história de Jorge Américo, um jovem de 37 anos de idade, que durante cerca de seis anos trabalhou como coveiro, enquanto no período nocturno ia à escola. Hoje formou-se e está a trabalhar na administração do

cemitério, como técnico.

Jorge é filho de Isabel Muçavel, uma das funcionárias mais antigas na área de limpeza no Cemitério de Lhanguene. "Quando a minha mãe falou-me do trabalho de limpeza no cemitério estava a frequentar a 5.ª classe e tinha 21 anos. Aceitei. De dia abria covas para enterros e à noite ia à escola.

Depois de concluir a 10.ª classe concorri para o Instituto de Administração Pública e Autárquica (IFAPA) e consegui concluir a formação. Foi convidado a trabalhar na administração. Foi um salto para mim", descreveu o jovem que pensa em concorrer para o Instituto Superior de Administração Pública.

Notícia
22.04.2016
Mulher
02
29.715